



O ESPÍRITO NUNCA ATERRA

CARLOS COELHO

GLORIOUS NATION OF PORTUGALAKHISTÃO

Borat, racista, anti-semita, pobre de espírito, de valores e de certezas sexuais, apresenta o seu país como um local bastante “civilizado”, onde as mulheres, apesar de terem um cérebro mais pequeno, já estão autorizadas a utilizar os autocarros públicos; onde os homossexuais já não precisam de usar chapéus azuis; e onde a atracção do investimento estrangeiro se faz, não apenas das oportunidades que resultam dos imensos recursos naturais ou de uma mão de obra qualificada e empenhada, mas porque aqui também se encontram algumas das mais “limpas” prostitutas da Ásia Central.

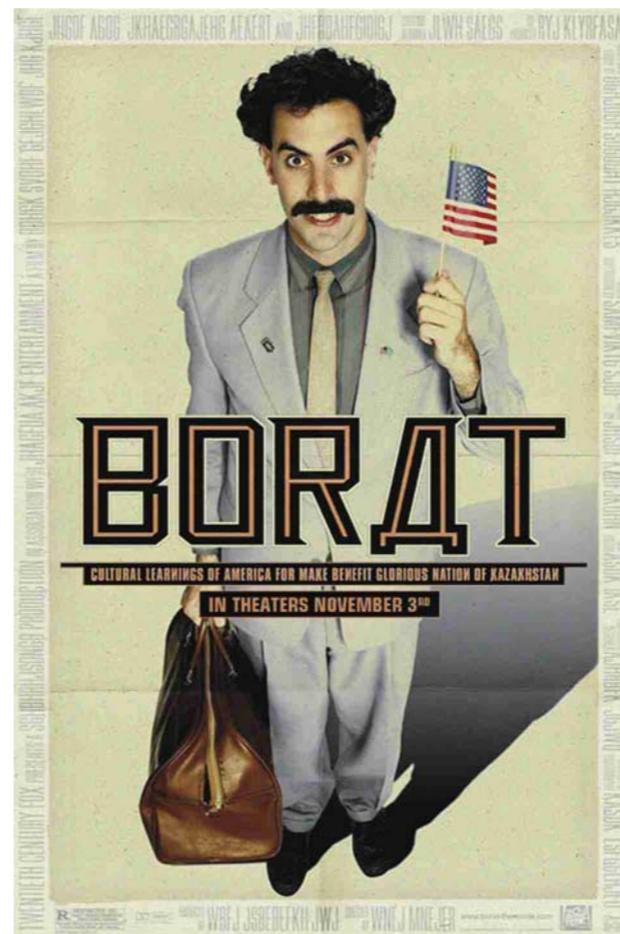


No próximo dia 16 de Dezembro faz 15 anos que, na Ásia Central (também conhecida por Eurásia), o Cazaquistão se afirmou como nação independente. Trata-se de um país grande em território, o equivalente a toda a Europa de leste e assim, o 9º maior do mundo, mas pequeno na população, com apenas 15 143 000 habitantes. Os seus recursos naturais são imensos - petróleo, gás natural, ouro, prata, crómio - e o seu processo de modernização decorre a uma velocidade de crescimento anual de dois dígitos. Na última década, os dirigentes destes novo estado uniram as suas capacidades diplomáticas e correram a conquistar o seu lugar no mapa económico global. Aproveitando a sua posição geo-estratégica entre dois gigantes, Rússia e China, e uns tantos novatos com nomes ainda mais complicados que o seu próprio - Turquemenistão, Tajiquistão, Uzbequistão - ousaram procurar trazer para si o protagonismo desta região e o reconhecimento do mundo ocidental. O Cazaquistão parece ter feito quase tudo certo, pertence à maior parte das grandes organizações internacionais e tem feito um enorme esforço por se mostrar mais europeu que a própria Turquia. Contudo, e apesar de centenas de iniciativas e muitos milhões de Tengs (moeda local) de investimento, passados 15 anos, este país permanecia num generalizado e profundo desconhecimento.

Digo permanecia porque, em pouco mais de um mês, Borat Sagdiyev, um falso repórter kazack, colocou este país numa posição de destaque à escala global, impossível de alcançar por qualquer outra estratégia tradicional, mesmo que se tratasse de uma mega operação de comunicação com um investimento multimilionário.

Borat, “o comediante pestilento” como foi tratado pelo governo kazack, fez um filme de uma hilariante realidade ficcionada, uma comédia, um “mockumentário” low budget, onde grande parte dos actores são pessoas reais que foi conhecendo ao longo da sua viagem pelos US & A, como faz questão de se referir aos Estados Unidos da América. Uma profunda sátira intitulada Borat: Cultural Learnings of America for Make Benefit Glorious Nation of Kazakhstan. Borat, racista, anti-semita, pobre de espírito, de valores e de certezas sexuais, apresenta o seu país como um local bastante “civilizado”, onde as mulheres, apesar de terem um cérebro mais pequeno, já estão autorizadas a utilizar os autocarros públicos; onde os homossexuais já não precisam de usar chapéus azuis e onde a atracção do investimento estrangeiro se faz, não apenas das oportunidades que resultam dos imensos recursos naturais já citados ou de uma mão de obra qualificada e empenhada, mas porque aqui também se encontram algumas das mais “limpas” prostitutas da Ásia Central.

Como se não bastasse, na sua acutilante viagem desta vez à cultura Americana, Borat e o seu nojento e obeso amigo, mostram-nos uma sociedade meio pimba, um sonho irreal esculpido em silicone, um país de cowboys e de evangelistas



possuídos, que tem como missão patriótica destruir todos os seres vivos no Iraque, até que nem mais um lagarto seja visto por aqueles lados.

Caro leitor da Atlântico, será que está nesta altura a pensar quanta estupidez fui capaz de aqui trazer pois, porventura, não lhe parece que este conteúdo seja merecedor destas páginas e muito menos da atenção do mundo. Acontece que, este conjunto de bafesas inteligentes e muito divertidas, vos garanto, colocaram Borat e o Cazaquistão como um dos assuntos mais discutidos em todo o mundo, nas últimas semanas. Assim, segundo uma empresa de “Blogwatch”, este chegou a ser o segundo tema mais discutido em milhões de blogs nos USA, logo atrás das eleições. Irritou George Bush com as suas sátiras ao tema do Iraque e assim deu, seguramente, uma boa ajuda à vitória dos Democratas. Putin proibiu a sua exibição na Rússia e o Cazaquistão, que começou por reagir violentamente com proibições, quando se deu conta do alcance de Borat, começou a procurar uma forma discreta de mostrar a sua capacidade de encaixe, tendo já oficialmente convidado o Britânico a visitar o seu “falso” país de origem. No You-Tube já existem centenas de vídeos que, em alguns casos, já tiveram individualmente mais de um milhão de visitas e só no Google, o Kasaksthan aparece com 86 700 000 referências directas (para que seja possível estabelecer um termo de comparação e medir o impacto, por exemplo Portugal com mais de



Segundo uma empresa de “Blogwatch”, este chegou a ser o segundo tema mais discutido em milhões de blogs nos USA, logo atrás das eleições. Irritou George Bush com as suas sátiras ao tema do Iraque e assim deu, seguramente, uma boa ajuda à vitória dos Democratas.

800 anos de história e com a quarta língua mais falada no mundo tem 306 000 000 de referências).

O Cazaquistão, de um dia para o outro, pela mão de um brilhante embuste de um comediante Britânico, venceu 15 anos de anonimato e está hoje na boca do mundo. Esta é a realidade e é sobre este novo paradigma, que este caso tão bem retrata, que vos gostaria de falar.

O mundo está a mudar, sem que por vezes tenhamos tempo para nos dar conta. Um dos mais interessantes aspectos a observar, desta nova realidade, consiste na poderosíssima força do cidadão anónimo.

Milhões de pessoas em todo o mundo, sobretudo jovens, fazendo uso da tecnologia e da predisposição de todos para participar sem qualquer retribuição material, estão a produzir conteúdos gratuitos que, em larga escala, configuram uma nova forma de democracia, mais popular, mais participativa, precisamente aquela que, nascendo no seu blogue, acabará por eleger Ségolène Royal como próximo presidente de França.

Trata-se de um novo poder popular, de uma nova capacidade planetária de distribuir e debater ideias, que boas ou más, se apoiadas por este infinito parlamento, podem construir ou destruir, em poucas semanas, uma marca, uma empresa, uma pessoa ou, como estamos a observar, até um país.

O Cazaquistão passou a ser conhecido ao ponto de nos USA, na semana passada, me terem perguntado se era Portugal que iria jogar no dia 15 com os tipos do Borat. Até “Felipe Scolari revoluciona para o Cazaquistão”, conforme era referido num título recente do jornal Público.

Entretanto por cá, como se nada se passasse, o governo Português ignora o verdadeiro choque tecnológico e inova em versão do mundo 1.0 criando um novo instrumento de controlo para a diplomacia económica - a comissão de acompanhamento, que avaliará o sistema de desempenho do sistema de coordenação entre os agentes dos ministérios da economia e dos negócios estrangeiros. Para além disso determina que: “Os objectivos são promover a imagem de Portugal como produtor de bens e serviços de qualidade para exportação, como destino turístico de excelência e como território preferencial de intenções de investimento”. Em síntese, mais uma complicação para o cumprimento de um objectivo que, embora nobre, é demasiado vago e indiferenciado. Nos tempos que correm, com o poder nas mãos dos cidadãos do mundo, e por isso cada vez menos controlável pelos governos, a inobservância destes novos fenómenos sociais no que respeita à gestão da marca de um país, ou conduz a mais quinze anos de comissões, milhões de euros e ao mesmo grau de indiferença internacional, ou então esperamos que algum Borat nos valha e promova aos píncaros do mundo, pelas piores razões. Fica a reflexão no interesse da defesa da nossa Gloriosa Nação e o conselho para assistirem a um filme que é, hilarantemente, preocupante.